

ActualizaÃ§Ã£o da ResoluÃ§Ã£o PolÃtica de 19 de Junho

21-Sep-2010

A 19 de Junho de 2010, a DirecÃ§Ã£o Nacional da UDP fazia a anÃ;lise da situaÃ§Ã£o polÃtica: a banca, a finanÃ§a e grande parte da burguesia foram salvas pelos Estados e estÃ£o agora Ã procura de novas formas de acumulaÃ§Ã£o. Os seus ataques concentram-se na destruiÃ§Ã£o do Estado Social e nas leis laborais que possam ainda permitir alguma estabilidade e direitos aos trabalhadores. A Europa continua a perder peso e influÃªncia no xadrez capitalista mundial e as propostas polÃ-ticas tÃ³m flectido para a direita. Portugal tem assistido a um Bloco Central (PS e PSD) unido para perpetrar o plano liberal-burguÃªs contra o povo portuguÃªs e abenÃ§oados por Cavaco Silva.¹ Podemos dizer que a situaÃ§Ã£o polÃtica nÃ£o se alterou especialmente desde esta ResoluÃ§Ã£o de 19 de Junho, mas vale a pena reflectir para algumas graduaÃ§Ãµes da situaÃ§Ã£o:

1.1. A 19 de Junho de 2010, a DirecÃ§Ã£o Nacional da UDP fazia a anÃ;lise da situaÃ§Ã£o polÃtica: a banca, a finanÃ§a e grande parte da burguesia foram salvas pelos Estados e estÃ£o agora Ã procura de novas formas de acumulaÃ§Ã£o. Os seus ataques concentram-se na destruiÃ§Ã;o do Estado Social e nas leis laborais que possam ainda permitir alguma estabilidade e direitos aos trabalhadores. A Europa continua a perder peso e influÃªncia no xadrez capitalista mundial e as propostas polÃ-ticas tÃ³m flectido para a direita. Portugal tem assistido a um Bloco Central (PS e PSD) unido para perpetrar o plano liberal-burguÃªs contra o povo portuguÃªs e abenÃ§oados por Cavaco Silva.

2. Apesar desta recomposiÃ§Ã£o do capital e da flexÃ£o de propostas polÃ-ticas para a direita, existem condiÃ§Ãµes para disputar a sociedade. A crise financeira nÃ£o desmantelou o capitalismo mas mostrou a necessidade de uma alternativa; a manifestaÃ§Ã£o de 29 de Setembro Ã© um momento importante para contestar o plano liberal de flexibilizaÃ§Ã£o no trabalho e de desmantelamento do Estado Social; a campanha presidencial e Manuel Alegre desempenham aqui um papel importante, ao polemizar em defesa do Estado Social e de direitos laborais, potenciando um movimento contra o Bloco Central que representa o PEC 1, o PEC 2 e plano burguÃªs de abaixamento dos custos de trabalho, maximizaÃ§Ã£o do lucro e predavaÃ§Ã£o privada dos sectores sociais e estratÃ©gicos do Estado.

3. Podemos dizer que a situaÃ§Ã£o polÃtica nÃ£o se alterou especialmente desde esta ResoluÃ§Ã£o de 19 de Junho, mas vale a pena reflectir para algumas graduaÃ§Ãµes da situaÃ§Ã£o:

4. As propostas de revisÃ£o constitucional do PSD serviram de instrumento para a recomposiÃ§Ã£o da mensagem do PS e permitiram a criaÃ§Ã£o artificial de um debate sobre as diferenÃ§as programÃ¡ticas entre estes partidos. Percebemos que o PS tenta centrar o seu discurso na defesa do SNS e da Escola PÃºblica, ainda que tenha sido nestas Ã¡reas que conheceu as maiores contestaÃ§Ãµes sociais. Estas tentativas tÃ³m como objectivo a reabilitaÃ§Ã£o do PS perante a opiniÃ£o pÃºblica, distanciando ainda mais as diferenÃ§as entre o discurso e as prÃ¡ticas.

5. Perante esta falsa polÃ©mica, PS e PSD tÃ³m encenado um diferendo e uma expectativa sobre o OrÃ§amento de Estado para 2011, ainda que se antevêja que este serÃ¡ forÃ§osamente uma continuidade do PEC 1 e PEC 2, preparados, acordados e votados entre esses mesmos partidos. Lembremo-nos que a polÃtica de uniÃ£o entre estes dois partidos Ã© o OrÃ§amento de Estado para 2010, sÃ£o as privatizaÃ§Ãµes, os cortes nas prestaÃ§Ãµes sociais, o aumento de impostos, a reduÃ§Ã£o de investimento pÃºblico, a perda de poder de compra e a recusa em criar-se emprego por via de obras pÃºblicas.

6. O OrÃ§amento Geral de Estado para 2011 (OGE 2011) reflectirÃ¡ este caminho traÃ§ado e, sendo assim, sÃ³ poderÃ¡ contar com a oposiÃ§Ã£o forte do Bloco de Esquerda, que deverÃ¡ apresentar propostas alternativas mas nÃ£o deve deixar enredar-se no falso discurso da estabilidade e da governabilidade. Esse tem sido o discurso que, transformado em prÃ¡tica, mais tem castigado o povo portuguÃªs. Cavaco Silva jÃ¡ veio fazer pressÃ£o para um novo acordo do Bloco Central no sentido de aprovar o OGE 2011. Todos aqueles que fizerem pressÃ£o para que seja o Bloco de Esquerda o cÃ³mplice das medidas anti-sociais de SÃ³crates e Passos Coelho, saberÃ£o que o Bloco rejeitarÃ¡ qualquer orÃ§amento que mantenha as privatizaÃ§Ãµes e o desinvestimento pÃºblico; que nÃ£o conte com uma subida das prestaÃ§Ãµes sociais, do salÃ¡rio mÃ-nimo e o reforÃ§o e melhoria do Estado Social.

7. Porque sabemos que estas sÃ£o as nossas propostas e que elas sÃ£o necessÃrias para a melhoria das condiÃ§Ãµes de vida em Portugal, para a criaÃ§Ã£o de emprego e para a protecÃ§Ã£o das pessoas, o Bloco de Esquerda e os militantes

da UDP, em particular, devem empenhar-se na mobilizaÃ§Ã£o para a jornada de luta dos trabalhadores europeus a 29 de Setembro, um momento importante para a correlaÃ§Ã£o de forÃ§as.

8.Da mesma forma, todo o empenho terÃ¡ que ser dado Ã campanha presidencial, que entrarÃ¡ agora em fase de maior actividade e disputa polÃ-tica. Os militantes da UDP devem ser agentes activos e organizadores desta campanha, comeÃ§ando por promover e incentivar a recolha de assinaturas e mobilizando a organizaÃ§Ã£o do Bloco para uma campanha importantÃ-sima para a Esquerda. Ã‰ um momento de contestaÃ§Ã£o Ã polÃ-tica europeia que protege a FinanÃ§a e que agora quer passar a factura aos trabalhadores, aos seus salÃ¡rios directos e indirectos. Esta jornada de luta pode, inclusivamente, abrir caminho Ã preparaÃ§Ã£o de uma greve geral, e por isso tambÃ©m deve contar com o empenho activo do Bloco e dos seus aderentes.

9.Sabemos que se o discurso de Alegre e a sua campanha conseguir fazer pontes com sectores de esquerda tradicionalmente votantes no PS e outros sectores descontentes e Ã esquerda do PS, esta campanha pode tornar-se um movimento que no futuro derrote o Bloco Central.

10.A prÃ³pria campanha pode marcar uma viragem. Sabendo que disputar a vitÃ³ria com Cavaco Silva Ã© uma luta difÃcil, tambÃ©m percebemos que hÃ¡ a possibilidade real de uma vitÃ³ria de Manuel Alegre, principalmente na possibilidade de uma segunda volta. Para este objectivo Ã© necessÃ¡rio o empenho de um Bloco de Esquerda militante e que se mostre incontornÃ¡vel na campanha presidencial.

A DirecÃ§Ã£o Nacional da UDP

11 de Setembro de 2010